



Universidade Federal  
de São João del-Rei

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI - UFSJ**

**Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Artes Aplicadas - DAUAP**

Bacharelado em Artes Aplicadas com Ênfase em Cerâmica

**Corpos objetos: um estudo das possibilidades do corpo enquanto  
suporte e obra de arte dentro do fazer cerâmico.**

Inara Marchi da Silva

*São João Del Rei  
Maio de 2023*

Inara Marchi da Silva

**Corpos objetos: um estudo das possibilidades do corpo enquanto obra de arte dentro do fazer cerâmico.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Artes Aplicadas com Ênfase em Cerâmica da Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Beatriz Chagas

*São João Del Rei*  
*Mai de 2023*

Dedico este trabalho à minha querida  
avó Estevani Aurelina Marchi, sua falta  
é sentida.

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo imensamente a minha família, por todo apoio e suporte que me deram até aqui.

Minha mãe Solange e meu pai José Mauro por tudo que fizeram por mim.

Minhas irmãs Isabelle e Isadora por todo cuidado.

Minha tia Rosemary e minha madrinha Francismara por me acompanharem no caminho.

A minha companheira de vida Bárbara Quintino pelo nosso encontro.

As minhas queridíssimas companheiras de percurso durante a graduação de artes aplicadas, Iasmin Saenz e Talita Quirino.

A Profa . A Dra . Luciana Beatriz Chagas pelos valiosos exercícios propostos e pela orientação final deste trabalho.

A técnica do LEC Ana Cristina Silveira pela dedicação e olhar atento aos nossos trabalhos e ao espaço coletivo do LEC.

E por último agradeço profundamente à minha primeira mestra professora Maria Regina Rodrigues por ter me indicado o caminho.

Muito Obrigada!

*"Toda a arqueologia de materiais é uma arqueologia humana. O que este barro esconde e mostra é o trânsito do ser no tempo e a sua passagem pelos espaços, os sinais dos dedos, as raspaduras das unhas, as cinzas e os tições das fogueiras apagadas, os ossos próprios e alheios, os caminhos que eternamente se bifurcam e se vão distanciando e perdendo uns dos outros. Este grão que aflora à superfície é uma memória, esta depressão a marca que ficou de um corpo deitado. O cérebro perguntou e pediu, a mão respondeu e fez"*

*José Saramago*

## RESUMO

**Resumo:** O presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa de fotos performances que traz o corpo enquanto obra de arte. Utilizei como referência o conceito das cinco peles desenvolvido pelo artista austríaco Friedrich Hundertwasser. O projeto tem como objetivo compreender o fazer cerâmico em um nível experimental, buscando outro tipo de trabalho plástico que não seja necessariamente objeto cerâmico. Durante a pesquisa, refeito meu caminho de artista, observando de fora os processos do experimento e analisando essas reflexões como forma de compreensão dos resultados.

**Palavras-chaves:** fotoperformance, cerâmica, experimental, corpo, obra de arte.

**Abstract:** The present work was developed from a research of photo performances that brings the body as a work of art. I used as a reference the concept of five skins developed by the Austrian artist Friedrich Hundertwasser. The project aims to understand ceramic making at an experimental level, seeking another type of plastic work that is not necessarily ceramic objects. During the research, I retrace my path as an artist, observing from the outside the processes of the experiment and analyzing these reflections as a way of understanding the results.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>6</b>
<b>SUMÁRIO</b>	<b>7</b>
<b>Lista de Figuras</b>	<b>8</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 Exercícios / Inspirações</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Exercício 1: A PRIMEIRA PELE- E.P.I.D.E.R.M.E.</b>	<b>10</b>
<b>2.2 Exercício 2: A SEGUNDA PELE- R.O.U.P.A.</b>	<b>15</b>
<b>2.3 TERCEIRA PELE- C.A.S.A.</b>	<b>18</b>
<b>2.4 Exercício 4: QUARTA PELE: I.D.E.N.T.I.D.A.D.E. C.U.L.T.U.R.A.L.</b>	<b>23</b>
<b>2.5 Exercício 5: QUINTA PELE: P.L.A.N.E.T.A.</b>	<b>30</b>
<b>3 Percorso artístico / acadêmico</b>	<b>31</b>
<b>3.1 Realizações nas disciplinas</b>	<b>32</b>
<b>4 Considerações finais</b>	<b>34</b>
<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>36</b>

## Lista de Figuras

- Figura 1: Quebra da moldura, disponível em <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/55614/quebra-da-moldura> acesso em junho de 2023
- Figura 2: Auto retrato E.P.I.D.E.R.M.E. Foto performance.
- Figura 3: Auto retrato E.P.I.D.E.R.M.E. Foto performance.
- Figura 4: Auto retrato E.P.I.D.E.R.M.E. Foto performance.
- Figura 5- Nildo da Mangureira vestindo P 15 Parangolé capa 11, disponível em <https://mam.rio/obras-de-arte/parangoles-1964-1979/> acesso em junho de 2023
- Figura 6 Auto retrato R.O.U.P.A. Foto performance
- Figura 7- Auto retrato R.O.U.P.A. Foto performance
- Figura 8-Auto retrato R.O.U.P.A. Foto performance
- Figura 9- Vera Holtz foto do instagram da artista, disponível em <https://www.instagram.com/p/9BaJrHuNKT/> acesso em junho de 2023
- Figura 10- Vera Holtz foto do instagram da artista, disponível em <https://www.instagram.com/p/9RFQiVuNIR/> acesso em junho de 2023
- Figura 11- Auto retrato C.A.S.A. Foto performance
- Figura 12- Auto retrato C.A.S.A. Foto performance
- Figura 13- Auto retrato C.A.S.A. Foto performance
- Figura 14- Auto retrato C.A.S.A. Foto performance
- Figura 15- Ai Weiwei – Dropping a Han Dyanasty Urn, 1995, disponível em <https://datjournal.emnuvens.com.br/dat/article/view/594/422> acesso em junho de 2023
- Figura 16-Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance
- Figura 17- Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance
- Figura 18- Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance
- Figura 19- Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance
- Figura 20-Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance
- Figura 21- Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance
- Figura 22-Auto retrato P.L.A.N.E.T.A. Foto performance
- Figura 23- Auto retrato P.L.A.N.E.T.A. Foto performance
- Figura 24- Auto retrato P.L.A.N.E.T.A. Foto performance



## 1 INTRODUÇÃO

“Corpos objetos- um estudo das possibilidades do corpo enquanto suporte e obra de arte dentro do fazer cerâmico” é um estudo de foto-performances em que o objetivo principal é reconhecer o corpo enquanto obra de arte utilizando para isso, a linguagem da cerâmica, sem necessariamente produzir um objeto cerâmico. A série de fotos surgiu de um experimento durante o período de pandemia, onde o isolamento social fez com que o ato de me observar e conviver comigo mesma diariamente se tornasse uma rotina. Utilizando como referência Friedensreich Hundertwasser e sua obra das **cinco peles**: a epiderme, o vestuário, a casa, o meio cultural onde vive e, a última, a pele planetária ou crosta terrestre onde todos vivemos; comecei um estudo a procura dessas 5 peles a partir do exercício do auto retrato, que aconteceu durante as aulas ministradas pela professora Luciana Beatriz Chagas na disciplina de prática de ateliê I, do curso de artes aplicadas com ênfase em cerâmica da UFSJ, e que seguiu sendo construída em momentos posteriores durante as aulas da professora Zandra Miranda em práticas de ateliê II. Durante a realização dos exercícios, me propus a colocar meu corpo enquanto obra de arte performando para a câmera, e apenas para ela. A proposta da prática estava baseada na adoção de camadas de peles enquanto revestimentos do ego, buscando o corpo/ação enquanto obra e não mais apenas um objeto estético/utilitário.

Para cada camada de pele um cenário foi montado, uma estética foi escolhida e uma narrativa foi adotada. Cada foto performance possui uma poética que foi pensada e planejada antes da execução e todo o projeto foi feito inteiramente por mim com o auxílio de um tripé, uma câmera de celular e um controle para bater as fotos durante o momento da ação. A procura do self (ou dos vários) em meio a experiência da solidão do isolamento social tornou-se um grande objeto de estudo com resultados extremamente satisfatórios. A necessidade de compilar a série de fotos e escrever sobre elas fez com que eu percebesse que a obra de arte não estava somente no ato da foto performance, mas também nesse momento posterior onde eu me afasto e olho para essas fotos de um outro lugar, fazendo reflexões e percebendo escolhas

intuitivas que eu não havia percebido no momento da realização da performance.

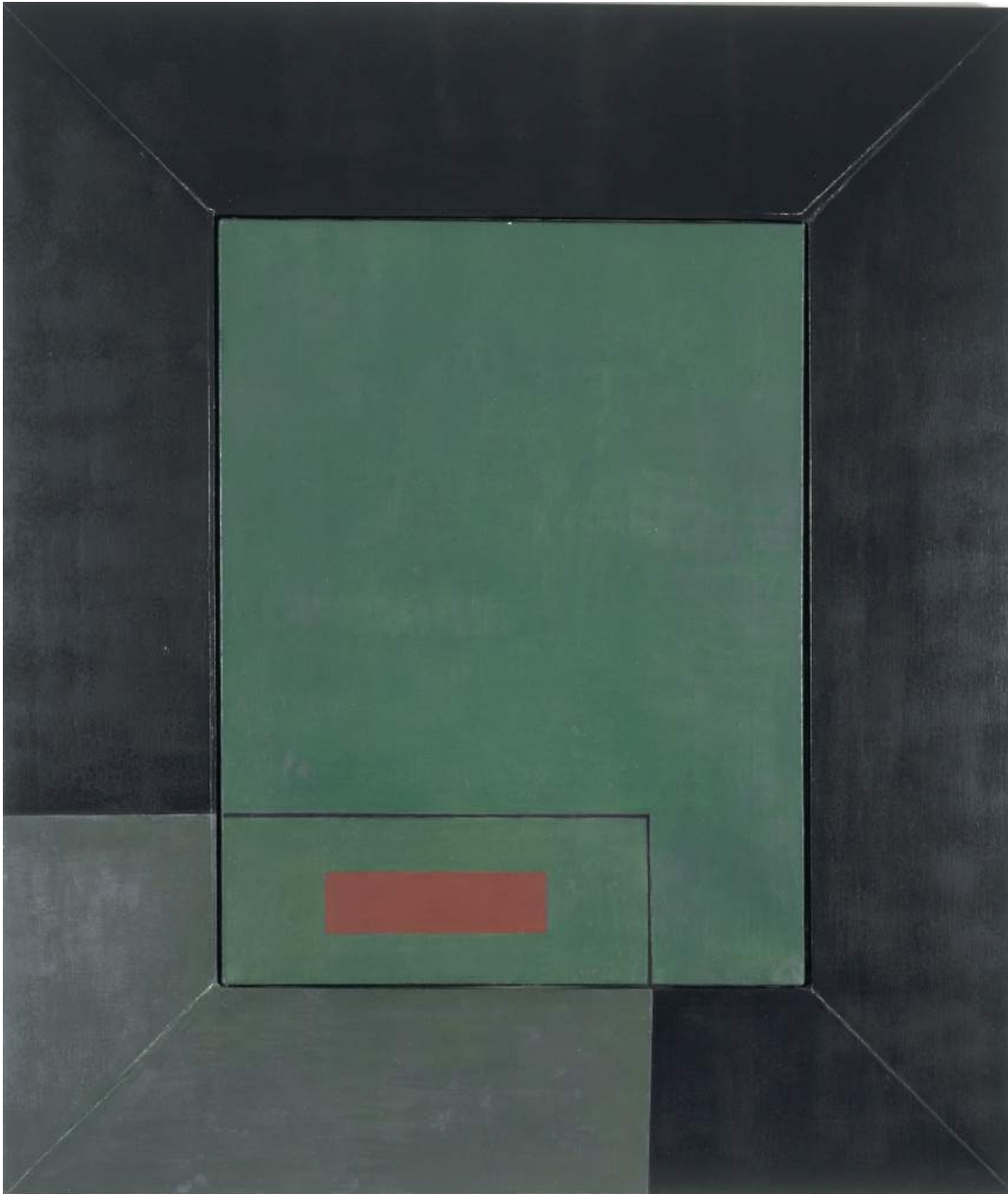
## 2 Exercícios / Inspirações

### 2.1 Exercício 1: A PRIMEIRA PELE- E.P.I.D.E.R.M.E.

Para a primeira pele foi escolhido um local : o antigo matadouro na cidade de Santa Cruz de Minas-MG, onde se encontra uma construção abandonada que foi ocupada por pixações e grafite. A escolha desse lugar para ser o meu cenário da epiderme está no fato que a minha trajetória artística começou na arte de rua, por isso foi a primeira pele que eu vesti. Para compor esse cenário eu levei meu corpo, o tripé, a câmera e uma lona crua com uma preparação de tinta natural de argila vermelha. A ideia era grudar essa lona em uma das paredes da casa abandonada e pintar essa superfície com a tinta enquanto a câmera registrava os movimentos que meu corpo fazia durante a ação (figura 2) como uma forma de registrar esse percurso do processo criativo e ver como ele se guiava. Em um certo momento a pintura extrapola o limite da lona e passa a fazer parte da superfície dos azulejos do lugar, dentro desse novo cenário meu corpo se torna uma superfície de pintura ao ser atingido pelos respingos da tinta,então esse corpo passa a fazer parte da obra também (figura 3).

A ação de pintar a lona deixando que os traços corressem livremente sobre a lona, sem me importar em manter a tinta apenas sobre a superfície da mesma, foi uma das poucas ações pensadas durante o ato. Essa ação tinha como intuito trazer um pouco do trabalho da Lygia Clark para performance, procurando pelo extrapolamento da superfície como ocorre em suas obras “Quebra da moldura” (1954) (figura 1) onde a artista busca uma forma de interceptar a área do quadro com a área da moldura causando um transbordamento dos limites da pintura.

Essa busca pela desintegração da moldura segue em outras obras da artista e foi minha referência para buscar esse extrapolamento da superfície, transbordando não apenas o limite do tecido de algodão cru sobre a parede, como também transformando meu corpo em superfície de pintura. Tal qual os deslocamentos espaciais do campo pictórico que se dão através da mudança do centro de foco que a artista promove na obra Composição nº5, onde a atenção do observador não está mais no centro do quadro e sim no canto inferior esquerdo onde há uma tensão na composição da obra.



(Figura 1) Lygia Clark: Quebra da moldura, composição nº 5, 1954.

Tinta a óleo sobre tela

**Detalhamento técnico**

Nome: E.P.I.D.E.R.M.E.

Número de obras: 3

Técnica: foto performance

Ano: 2021



Figura 2- Auto retrato E.P.I.D.E.R.M.E.  
Foto performance, 2021.



Figura 3- Auto retrato E.P.I.D.E.R.M.E.  
Foto performance, 2021.



Figura 4- Auto retrato E.P.I.D.E.R.M.E Foto performance, 2021.

## 2.2 Exercício 2: A SEGUNDA PELE- R.O.U.P.A.

Para o exercício da segunda pele, a proposta era sintetizar a ideia de uma camada que revestisse a minha epiderme, e para isso utilizei a lona que havia sido usada anteriormente, mas agora fazendo parte de um cenário mais neutro do que a escolha estética do cenário anterior. Se antes a foto performance havia sido feita em um lugar que possuía muita informação, com todos os pixos e grafites que tomavam as paredes, agora essa lona faz parte de um cenário neutro, onde meu corpo se transforma na própria obra de arte em exposição nesse ambiente de galeria, nesse novo lugar todas as paredes são brancas, enquanto eu tento vestir essa lona como se ela fosse a minha roupa.

Para essa segunda pele a minha referência de artista foi o Hélio Oiticica e sua obra *Parangolé capa 11 – Incorporo a revolta* (1967), em sua obra o artista visa propor novas situações para os observadores da obra como forma de participação social depois de as experimentações de Lygia Clark trazerem uma “desintegração do quadro”.

Seguindo essa linha de experimentações do grupo frente, trago em meu trabalho o vestimento da lona enquanto roupa e enquanto experimento, e me coloco como obra de arte junto com a pintura. Neste momento não somos apenas eu e a lona que viram obra de arte, mas todo o contexto ao redor de nós, toda a montagem do cenário e o pensamento prévio do contexto da performance.

Esse mergulho nas experiências corporais, referenciadas na obra dos parangolés de Hélio Oiticica, busca por essa ‘salvação da pintura’, transformando-a em outra coisa.

### ***Fim do quadro***

*“Já não tenho dúvidas que a era do fim do quadro está definitivamente inaugurada. Para mim a dialética que envolve o problema da pintura avançou, juntamente com as experiências (as obras), no sentido da transformada pintura-quadro em outra coisa (para mim o não-objeto), que já não é mais possível aceitar o desenvolvimento «dentro do quadro», o quadro já se saturou. Longe de ser a «morte da pintura», é a sua salvação, pois a morte mesmo seria a continuação do quadro como tal, e como «suporte» da «pintura».”*

Hélio Oiticica. *Aspiro ao grande labirinto*, Rio de Janeiro: Rocco, 1986, pp. 26-27.  
Trecho de texto escrito a 16 de fevereiro de 1961.



Figura 5- Nildo da Mangueira vestindo P 15 Parangolé capa 11 – Incorporo a revolta (1967), de Hélio Oiticica. Foto Claudio Oiticica, circa 1968



**Detalhamento técnico:**

Nome: R.O.U.P.A.

Número de obras: 3

técnica: foto performance

Ano: 2021



Figura 6- Auto retrato R.O.U.P.A. Foto performance, 2021.



Figura 7- Auto retrato R.O.U.P.A. Foto-performance, 2021.



Figura 8- Auto retrato R.O.U.P.A. Foto performance, 2021.

### 2.3 TERCEIRA PELE- C.A.S.A.

A terceira pele, a "Casa", vai estar ligada ao psíquico, onde minhas ideias e meus pensamentos são esse lugar de aconchego, de refúgio. Para representar essa "casa" enquanto dentro da minha cabeça fiz escolhas estéticas que procurassem trazer essa dimensão do profundo, do de dentro. O ato de costurar a lona (figura 11) se apresenta como uma alusão a esse momento de criação de ideias e pensamentos, que só podem ser reais enquanto estão dentro da minha consciência. A escolha da linha vermelha representa a vitalidade, como se o sangue estivesse sendo levado pelas veias até a minha cabeça dando vida a esses pensamentos.

Algumas vezes esses pensamentos se chocam com a realidade que não foi aquela que eu criei para mim e existe uma resistência em aceitar essa nova realidade imposta. Em um momento da ação, devido à costura feita na lona, essa superfície vai ganhando uma forma quase que de um telhado, e quando eu coloco ela sobre mim, meu corpo inteiro ganha essa dimensão de casa (figura 14) enquanto as ideias que eu costurei são o único teto sobre a minha cabeça. Para essa terceira pele minha referência enquanto escolha estética de foto foi baseada na artista Vera Holtz e suas obras de foto performances feitas através de sua rede social no instagram. Busquei por essa referência artística com o intuito de trazer uma artista contemporânea da qual o trabalho estava inserido no momento e pandemia do qual estávamos vivendo. Naquele momento, a arte produzida através das mídias sociais era a via de escape de vários artistas como forma de propagarem seu trabalho. Trazendo para esse contexto, busquei trazer a estética dos trabalhos de Vera Holtz com suas fotos de fundo preto, na busca para ilustrar o profundo.



Figura 9- Vera Holz: Imagens retiradas do perfil do instagram da artista disponível no link: ( <https://www.instagram.com/p/9BaJrHuNKT/> )



Figura 10- Vera Holz: Imagens retiradas do perfil do instagram da artista disponível no link: ( <https://www.instagram.com/p/9RFQiVuNIR/> )

**Detalhamento técnico:**

Nome: C.A.S.A.

Número de obras: 4

técnica: foto performance

Ano: 2021



Figura 11- Auto retrato C.A.S.A. Foto performance, 2021.

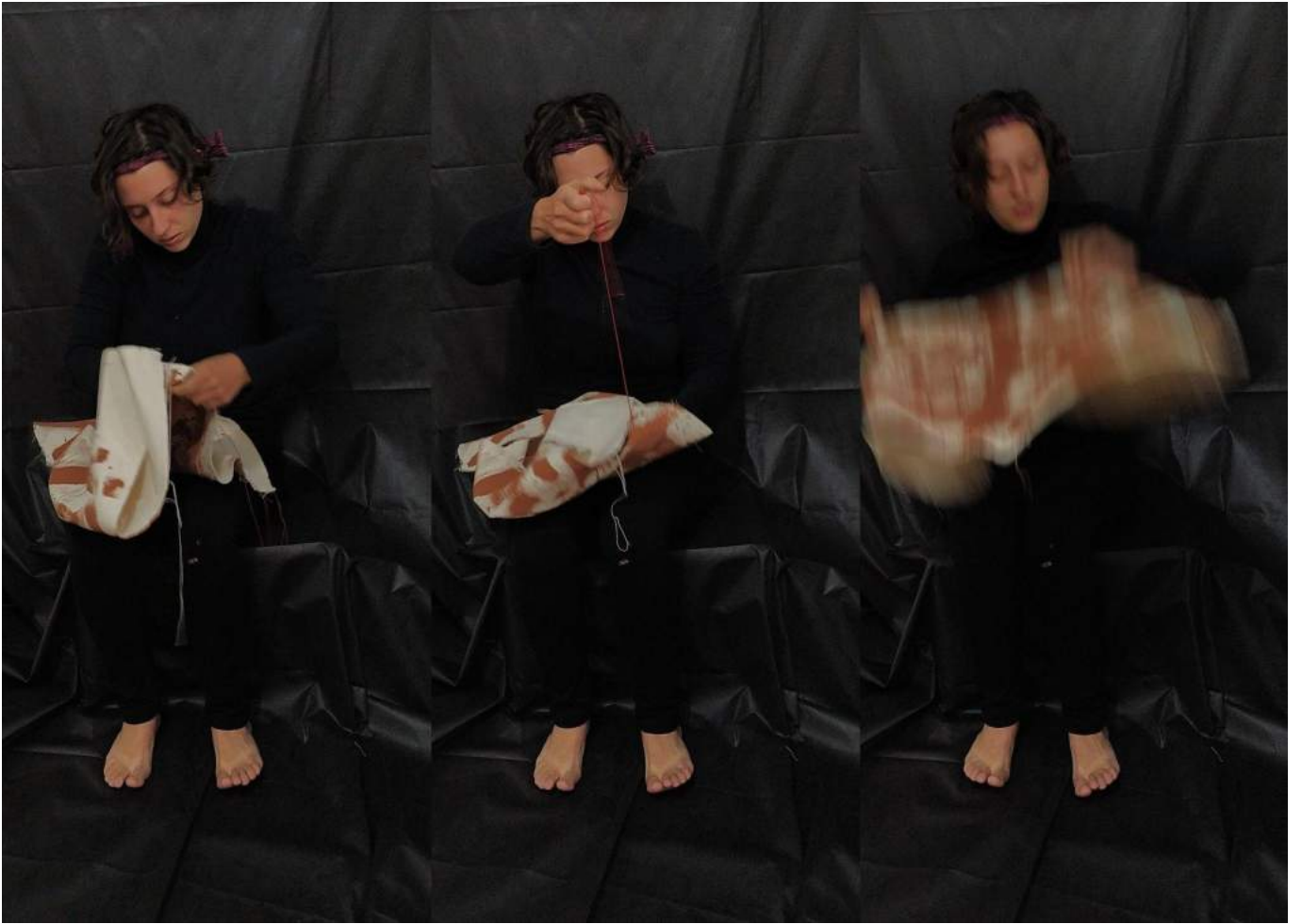


Figura 12- Auto retrato C.A.S.A. Foto performance, 2021.



Figura 13- Auto retrato C.A.S.A. Foto performance, 2021.



Figura 14- Auto retrato C.A.S.A. Foto performance, 2021.

#### **2.4 Exercício 4: QUARTA PELE: I.D.E.N.T.I.D.A.D.E. C.U.L.T.U.R.A.L.**

A camada da identidade cultural se apresenta enquanto o meu Eu em relação ao outro, em um contexto de ser mulher e artista e lésbica diante do (cis)tema heteronormativo patriarcal, e os choques que os meus posicionamentos já causaram em diversas situações. A ação foi pensada em um ato de quebra de peças de cerâmica com um martelo, em um cenário montado de forma que a câmera ficasse posicionada contra o sol, projetando a sombra do meu corpo no chão. Essa sombra projetada estaria simbolizando o outro, enquanto a quebra das peças representaria esse choque que os meus posicionamentos costumam causar. Mas ao desenvolver da performance, após a quebra das peças, outras ações intuitivas foram nascendo sozinhas, como o ato de olhar para esses cacos e perceber que de alguma forma aqueles pedaços eram na verdade partes de mim que estilhaçam quando ocorre este choque da minha personalidade frente às regras que me foram impostas. Após esse momento de reflexão, instintivamente eu começo a tentar recolocar os cacos de cerâmica no meu corpo, como se estivesse tentando me reconstruir com aquilo que sobrou

do que fizeram de mim. A argila, em estado de barbotina, que foi passada no começo da performance, fez com que os cacos grudassem perfeitamente em meu corpo (Figura 12). Em um terceiro momento da performance eu começo a colocar esses cacos dentro da minha boca e, de alguma forma, tento mastigá-los (Figura 19), esse ato se apresenta como uma forma de encarar algumas coisas que não foram ditas em certos momentos por medo do enfrentamento, e é como se eu engolisse essas palavras que estão descendo como cacos pela minha garganta. Para a criação das fotos performances dessa pele o artista utilizado como referência para a criação estética tanto do cenário quanto da ação foi Ai Weiwei e sua obra "Dropping a Han Dynasty Urn". Esse ato de quebrar peças de cerâmica não é inédito na minha trajetória pelo curso de artes aplicadas, em meados de 2019 me inspirei profundamente nesse mesmo artista quando a atitude de um professor do curso (que não citarei aqui pois não merece ter seu nome em meu trabalho) me colocou em um estado de descontrole emocional no qual a única atitude que me ocorreu no momento foi quebrar as peças que eu havia feito para a sua matéria, não só como forma de protesto pela atitude totalmente anti ética, mas também porque naquele momento descontar minha frustração e meu sentimento de injustiça pela conduta do professor nas obras de arte fora minha única saída. Infelizmente meu protesto não foi acatado e nem se quer entendido por nenhum dos professores que estavam no LEC naquele momento, pois nenhum deles se colocaram a disposição de vir até mim perguntar o que tinha acontecido e eu acabei ganhando uma advertência assinada por todo o corpo docente do curso. Quem dera meu protesto tivesse sido entendido e aclamado pelas pessoas igual aconteceu com o artista Ai Weiwei, em sua obra Dropping a Han Dynasty Urn (1995) que é considerada uma das mais icônicas do artista, na ação performática registrada em 3 fotografias, o artista deixa cair no chão uma urna cerimonial pertencente ao período da Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.), o objeto se quebra ao entrar em contato com o solo e o artista segue com uma fisionomia quase que indiferente. Nessa ação performática Ai Weiwei questiona quais tradições e identidades são narradas, e por quem.



Figura 15 Ai Weiwei – Dropping a Han Dyanasty Urn, 1995.

Fonte :<https://smarthistory.org/ai-weiwei-dropping-a-han-dynasty-urn/>



**Detalhamento técnico:**

Nome: I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L.

Número de obras: 6

técnica: foto performance

Ano: 2021

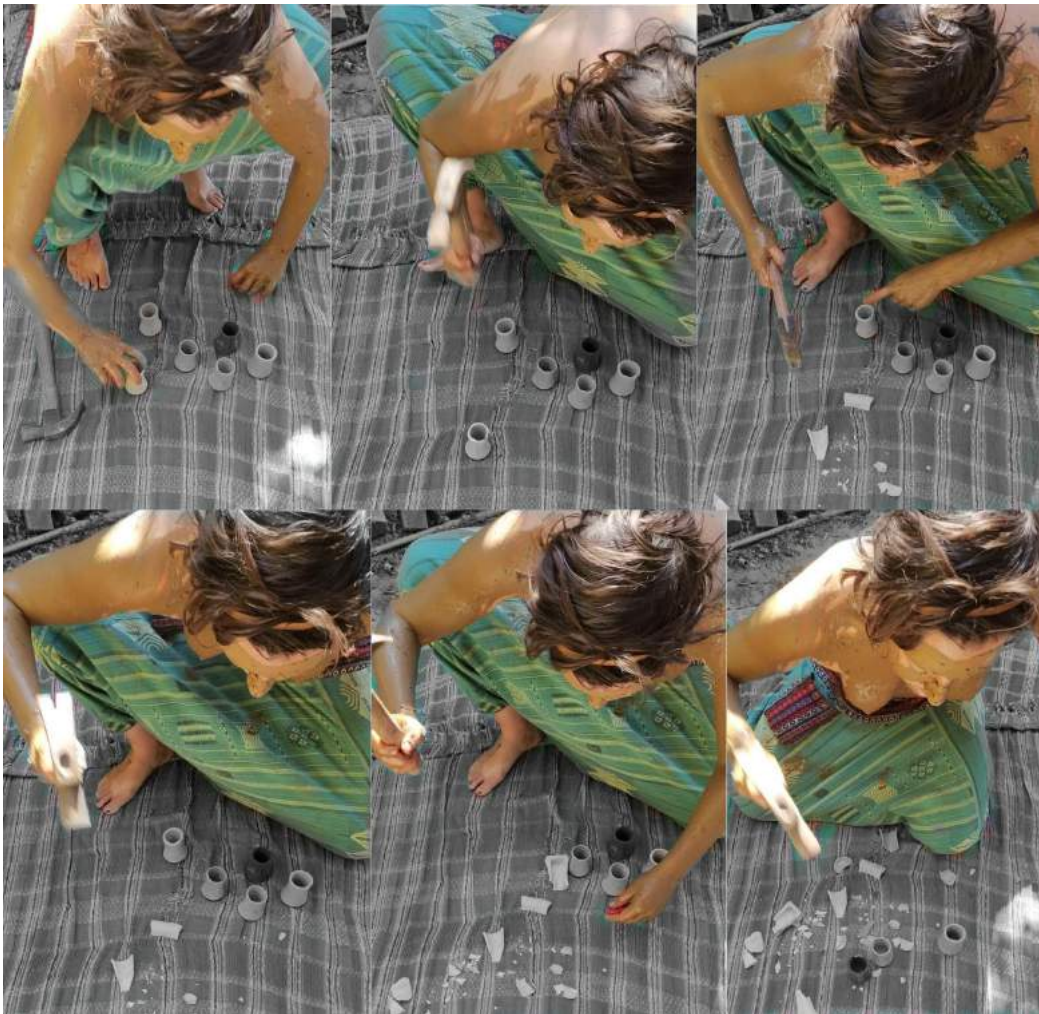


Figura 16- Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance, 2021.



Figura 17- Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance, 2021.

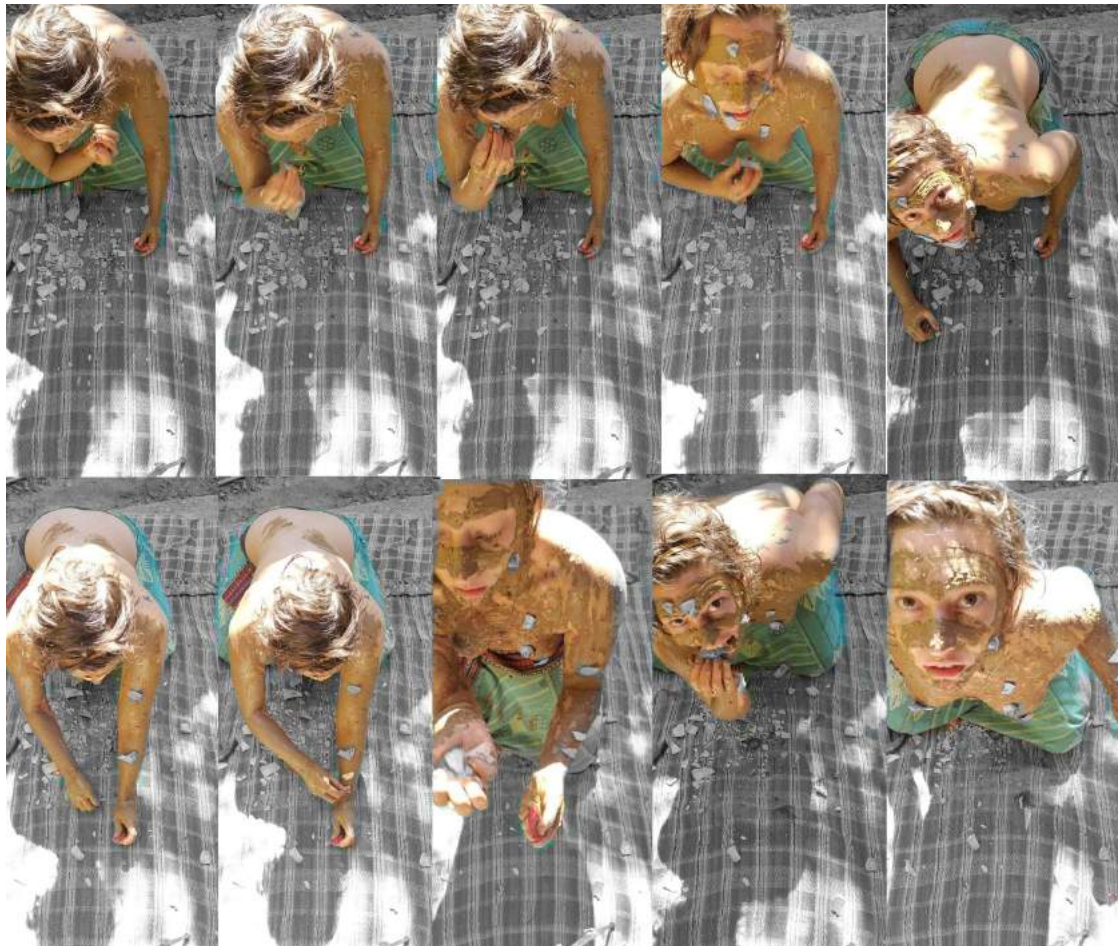


Figura 18- Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance, 2021.



Figura 19- Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance, 2021.

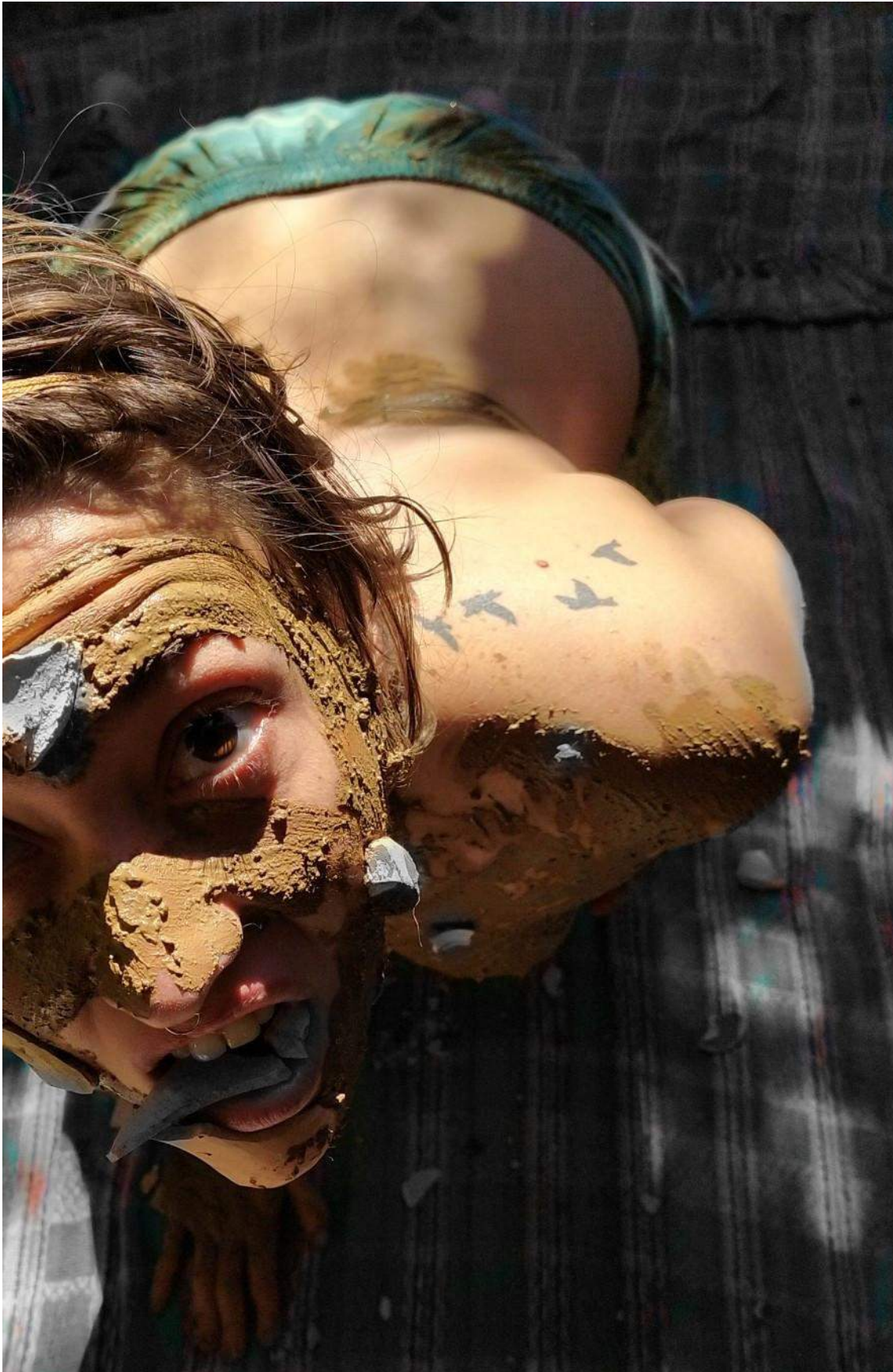


Figura 20- Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance, 2021.

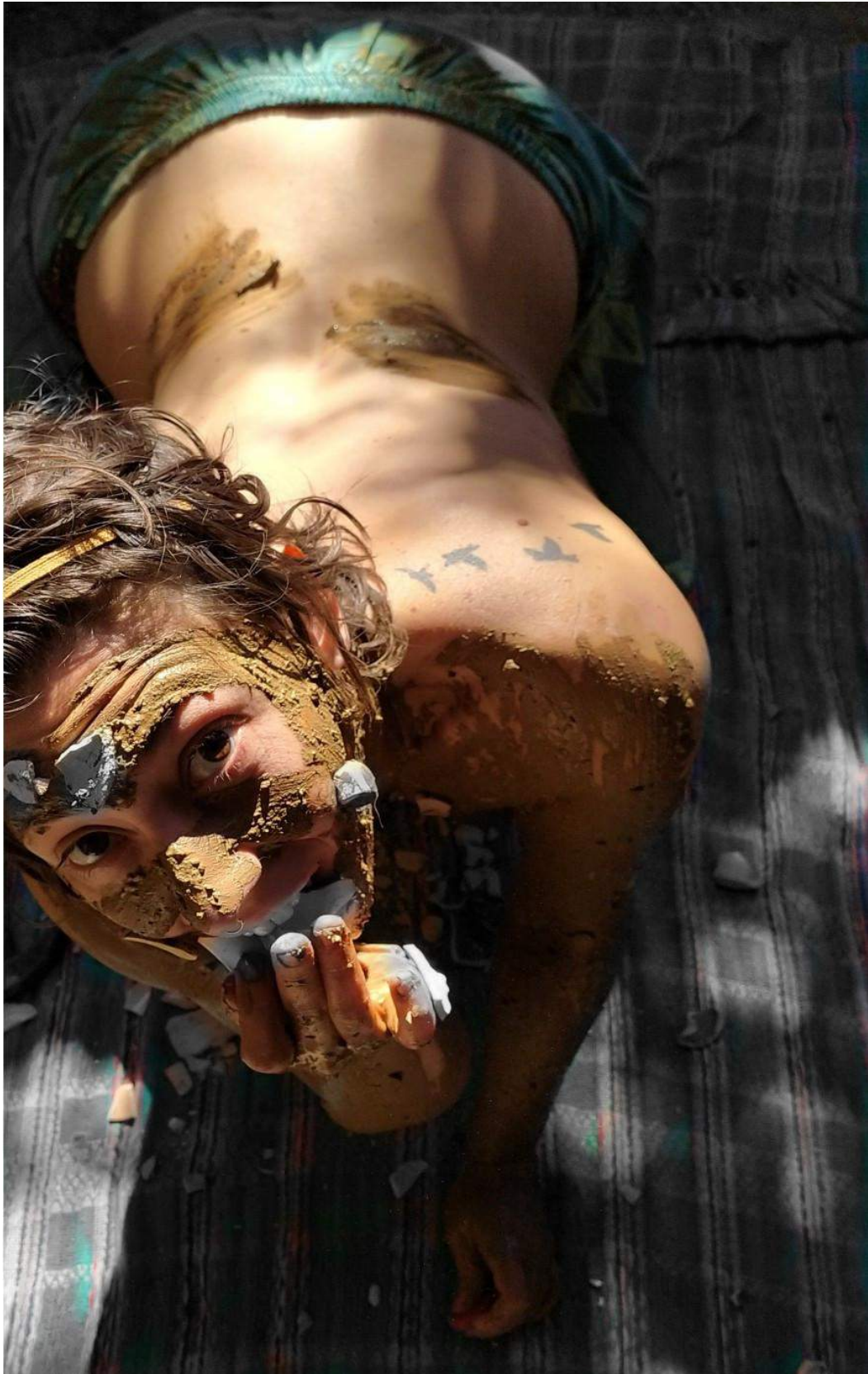


Figura 21- Auto retrato I.D.E.N.T.I.D.A.D.E.C.U.L.T.U.R.A.L. Foto performance, 2021.

### 2.5 Exercício 5: QUINTA PELE: P.L.A.N.E.T.A.

Para esse último revestimento de pele a escolha estética do cenário foi uma tentativa de representar a imensidão do espaço, para isso o cenário escolhido foi equipado com uma iluminação especial em um ambiente onde as paredes eram de azulejo, fazendo com que a luz refletisse nesses azulejos brancos e resultasse em um efeito de algo cósmico. A representação da cabeça enquanto um Udu foi escolhida para simbolizar essa fusão do corpo que vira um objeto, a escolha do instrumento de cerâmica foi uma tentativa de pensar nesse objeto como representação do ori. Essa última pele engloba todas as outras peles anteriores que fazem parte de mim e que contém toda essa vida.

Detalhamento técnico:

Nome: P.L.A.N.E.T.A.

Número de obras: 3

técnica: foto performance

Ano: 2021



Figura 22- Auto retrato P.L.A.N.E.T.A. Foto performance, 2021.



Figura 23- Auto retrato P.L.A.N.E.T.A. Foto performance, 2021.



Figura 24- Auto retrato P.L.A.N.E.T.A. Foto performance, 2021.

### 3 Percurso artístico / acadêmico

*“quando falamos em percurso, referimos aos rastros deixados pelo artista e pelo cientista em seu caminhar em direção à obra entregue ao público.”*  
(Salles, 1998, pág 23)

Desde a minha iniciação na graduação, lá em 2015, quando fui ter meu primeiro contato com a argila no curso de artes visuais da UFU, a primeira referência que tive de ceramista foi Celeida Tostes (1929-1995). Me lembro como se fosse hoje, nas aulas ministradas pela professora Maria Regina, que inclusive foi aluna de Celeida, as fotos das obras e do poder coletivo que as criações de Celeida traziam consigo.

Tendo como primeira referência uma artista que trazia o barro para o cenário da arte contemporânea, eu já entrei no mundo da cerâmica com o conhecimento de que o fazer poderia ser mais do que produzir esculturas cerâmicas e objetos utilitários. Mas essa inquietação de colocar a cerâmica dentro de um trabalho contemporâneo não floresceu nesse momento, meu primeiro contato com o barro provavelmente foi como o de qualquer pessoa

que é picada pelo bichinho da cerâmica, eu fiquei simplesmente maravilhada de poder criar qualquer coisa com um pedaço de argila.

Antes do curso de artes visuais em Uberlândia eu não havia estabelecido nenhum contato com a cerâmica, pelo menos não que pudesse me marcar a ponto de eu perceber que gostaria de fazer aquilo pelo resto da vida, talvez em algum momento do ensino fundamental ou em alguma brincadeira de criança quando a gente brinca com a terra depois da chuva e mistura ela até virar uma massinha, mas nenhuma das outras vezes havia sido daquele jeito. Pois agora estava feito, eu havia sido realmente picada pelo bichinho da cerâmica, foi no segundo ou terceiro semestre do curso de artes visuais e naquela altura eu já estava fascinada pelo fazer cerâmico. Todos os dias ao chegar no bloco IA das artes eu já ia correndo para o laboratório de cerâmica ver se alguma peça minha havia sido queimada. E que mágico era ver a transformação do barro, de uma imagem ou imaginação, em algo concreto, físico, palpável. Era minha obra de arte. E assim fui levando os restantes dos meses na graduação de artes visuais, um dia descobri o torno e foi a gota d'água pra eu não querer sair mais do laboratório, eu poderia passar o dia inteiro ali com meus outros dois amigos que também haviam sido picados pelo mesmo bichinho que eu, a Larissa Ribeiro e o Calisson Alvez, nós éramos os “cerâmigos” que ficavam tomando café e fazendo cerâmica.

Um dia a professora Maria Regina chegou para mim na sala e falou que eu deveria pesquisar pelo curso de artes aplicadas, um curso de graduação específico para cerâmica que poderia ser legal eu fazer depois de me formar em artes visuais. Na mesma hora que ela falou eu pesquisei pelo curso e ali mesmo me decidi, iria transferir o curso de artes visuais para cursar artes aplicadas em São João Del Rei.

### **3.1 Realizações nas disciplinas**

Em 2018 eu comecei minha graduação no curso de artes aplicadas e finalmente pude dedicar todo meu estudo e tempo para a cerâmica. Ao longo do curso descobri e desenvolvi várias técnicas que eu não tinha conhecimento e nem prática, tanto na construção dos objetos cerâmicos, os segredos para o barro não rachar, a placa não empenar, desenvolvi altamente meu poder de acabamento e como isso faz diferença na produção dos objetos, dependendo do resultado que buscamos. Aprendi sobre as técnicas de queima dos fornos a lenha e fui atrás de construir meu próprio forno, em 2020, logo que entrou a pandemia. Com a construção do meu forno de latão e tijolos eu fazia queimas à lenha no quintal da minha casa, durante o isolamento social no qual eu passei a maior parte sozinha em casa com a minha cachorra Cor da Lua e a minha gata Regina Antônia, que foram muito importantes para minha sanidade mental. Nesse espaço de tempo consegui produzir inúmeros objetos cerâmicos, pois era basicamente isso que eu fazia o dia todo durante um ano e meio.

Então em 2021 as aulas voltaram em formato virtual, e foi aí que tivemos a aula de Ateliê I ministrada pela professora Luciana, da qual o tema gerou esse Tcc. Quando a Luciana chegou com a proposta dos exercícios de auto retrato eu já me encontrava em um estado de questionamento sobre o fazer cerâmico, eu estava estafada de criar objetos, queria buscar aquela manifestação artística contemporânea que eu havia aprendido em algum lugar do meu passado, com a professora Maria Regina e com a artista Celeida Tostes.



Foi então que meu corpo virou meu objeto de estudo, minha obra de arte. A cada exercício proposto pela professora Luciana eu me desafiava mais, me colocava em diferentes cenários, me filmava e me fotografava como nunca havia feito. As fotos foram previamente pensadas, mas depois, no momento de escrever sobre elas, outras coisas surgiam, a poesia e arte estavam no antes, no durante e no depois da ação de fotografar. Como bem disse Cecília Almeida Salles “(...) o intervalo entre a intenção e a realização, é ali que a criação tem lugar” (Salles, 1998, pág 19).

E então as obras foram nascendo, a cada pele que a Luciana trazia, eu buscava uma artista como referência para criar a estética do cenário, de como eu usaria a lona, de como a câmera ficaria posicionada. Na primeira pele, E.P.I.D.E.R.M.E. minha artista de referência foi Lygia Clark, como uma forma de buscar essa primeira pele que eu vesti, esse início do meu percurso artístico é uma mistura de arte urbana com um pé na arte contemporânea, que se iniciou logo que eu conheci o Grupo Frente<sup>1</sup> e o trabalho de Lygia Clark. Em seguida apareceram nomes como Hélio Oiticica, Vera Holtz, Ai WeiWei, e a última pele não teve um artista específico de referência mas uma junção de todas essas coisas que se transformaram numa representação do instrumento musical Udu enquanto minha cabeça, como se o oco do pote fosse o centro de tudo.

Finalizado o semestre e a entrega dos exercícios de peles, resolvi sentar para escrever um pouco sobre tudo que eu tinha realizado na disciplina e foi o momento de refletir que aquele trabalho havia ficado bem interessante e que ele poderia ter um outro desdobramento. Então, em um segundo momento, entramos na matéria de ateliê 2, com a professora Zandra Miranda, no qual eu eu segui com o trabalho das fotos performances que havia realizado na matéria de Ateliê 1 com a professora Luciana como projeto principal de TCC, e foi nesse momento que todo esse trabalho ganhou corpo e nome.

Durante o semestre, que para mim acabou sendo mais teórico do que prático, e que me ajudou muito na questão de me encontrar naquilo que eu estava fazendo, a professora Zandra nos passou três livros bases para construirmos nosso TCC; Gesto inacabado de Cecília Almeida Salles, Criatividade e processos de criação de Fayga Ostrower e Pesquisa em arte de Silvio Zamboni. Esses três títulos, principalmente os dois primeiros, foram muito importantes para a o seguimento do trabalho que eu havia começado com a professora Luciana, Cecilia Almeida no sentido de acalmar meus ânimos e entender que a construção de uma obra de arte nunca acaba junto com a finalização da obra, e Fayga Ostrower trazendo a intuição para dentro desse espaço de criatividade, do sensível.

E a partir disso, os registros que eu havia compilado em um documento escrito no computador foram nutrindo esse texto que eu apresento agora, em forma de conclusão de curso. Cecilia Almeida fala bastante em seu texto sobre a importância dos ‘documentos de processo’, e acredito que esse trabalho compila todas essas fases do processo de criação. Ele começa com exercícios práticos, em um segundo momento eu olho para esses exercícios e vejo detalhes que na hora passaram despercebidos por mim mas que foram executados de maneira intuitiva, esses detalhes eu documento em forma de texto para poder olhar para tudo isso de fora da ilha e entender por quais caminhos meu processo de criação perpassa durante o decorrer da criação da obra de arte.

#### 4 Considerações finais

Durante essa caminhada artística, que se inicia oficialmente em 2015 que foi quando eu iniciei minha primeira graduação em artes visuais na UFU até hoje, na finalização da minha primeira graduação, no curso de artes aplicadas na UFSJ, tive a oportunidade de ter contato com diversas linguagens artísticas e foi com o barro que eu encontrei uma matéria onde eu conseguisse me expressar de forma que eu me sentisse completa. E durante esses 8 anos de caminhada, entre mudanças de cidade, de ciclo social e de referências artísticas, tive a oportunidade de ir apenas adicionando linguagens e referências na malinha de mão que eu levo dentro da minha cabeça. Nunca me esqueci das experiências adquiridas em Uberlândia, inclusive lembro vividamente as conversas e as trocas que tive naquele momento da minha vida porque foram eles que me fizeram chegar até aqui. E digo isso porque acredito que essa seja a minha poética para a realização dessa tese de conclusão de curso, o desejo incontrolável de me aprofundar no estudo da cerâmica e focar apenas nessa linguagem. A curiosidade incontrolável que me moveu lá em 2017 em direção à São João del Rei. A busca para entender melhor sobre queimas a lenha, sobre fornos, sobre a construção dos objetos, sobre as técnicas de torno e, até na última disciplina cursada, novamente com a professora Luciana, onde eu nem pensei que pudesse me surpreender mais com o fazer cerâmico por já estar há muitos anos no curso, novamente me vi aprendendo técnicas novas, porque o barro é assim, sempre temos algo novo a aprender, é um fazer ancestral que foi desenvolvido de forma diferente por cada cultura ao redor do mundo, são diferentes tipos de massas, diferentes tipos de queima e é claro diferentes artistas modelando e dando vida à algo novo e encantador em cada partezinha do globo.

E nem precisamos falar desse macro quando o assunto é cerâmica, porque às vezes tem gente do nosso lado com um conhecimento, uma técnica, uma sabedoria diferente que a gente nem sequer sabe, são detalhes, uma ferramenta que você passa de um jeito que se passar de outro não da bolha na peça e ela não explode no forno, a postura do corpo quando sentada no torno que se você mudar facilita a centralização da peça, o tempo e a paciência que se você tiver na hora do “esquente” na queima a lenha fará com que sua peça não exploda dentro do forno. A cerâmica tem essa magia das trocas, da criação em coletivo e do olhar cuidadoso em todas as partes do processo.

Corpos objetos é um trabalho que refletiu intensamente todas essas vivências que eu tive durante minha caminhada acadêmica e artística, e também essa vontade, em certo momento, de levar a pesquisa da cerâmica para um outro lugar, algum lugar parecido com os trabalhos de Lygia Clark, Celeida Tostes, e de tantos outros artistas aqui citados e alguns que talvez tenham deixados de ser citados mas que fizeram toda a diferença, ou até mesmo para algum lugar que ainda não exista e que eu mesma tenha que inventar. Um lugar parecido com esse trabalho, que começou a ser desenhado em 2021, em uma disciplina ministrada por uma professora e por suas referências bibliográficas, mas que seguiu sendo escrito e pensando nos dois anos que se seguiram após a sua criação, em outra disciplina com outra professora e outras bibliografias. Eu fui

mudando e amadurecendo, e ele foi mudando e amadurecendo comigo também. Eu que escrevo o trabalho ou ele que descreve sobre mim? Seja como for, a pesquisa tem que continuar. Talvez em uma dissertação de mestrado ou em uma instalação artística, seja em um objeto concreto ou uma performance efêmera, a liberdade de expressão que o barro nos permite não acabará aqui pois, "*um gesto inacabado não finda, um gesto, gesta*" (Salles, 1998,pág 19).

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em Arte** – um paralelo entre arte e ciência. Campinas : Autores Associados, 1998.

OSTROWER, Fayga. "**Criatividade e processos de criação.**" (1978).

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** Annablume, 1998.

CARVALHO, Dirce H. B. de; LEFÈVRE, José Eduardo. **Lygia Clark: o vôo para o espaço real – do bi para o tridimensional.** USP, São Paulo, 2008.

FAVARETTO, Celso Fernando. **A invenção de Hélio Oiticica.** Edusp, 1992.

OITICICA, Hélio; OITICICA FILHO, César. **Museu é o mundo.** Beco do Azogue Editorial, 2011.

SANTOS, Elaine Regina dos. **Celeida Tostes: o barro como elemento integrativo na Arte Contemporânea.** 2011. 235 f. *Dissertação (mestrado)* - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/86935>>.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. **Espaco de lygia clark. 1991. Dissertação (Mestrado)** – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. . Acesso em: 01 jun. 2023.

CAVALCANTI, Juliana Garzillo. A ARTE DA MÍDIA SOCIAL: POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS<sup>1</sup>. **14 a 16 de Dezembro de 2017–Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.**, p. 78.

CUNHA, Eileen MF. **Grupo Frente e Experimentalismo emergente de Lygia Pape, Lygia Clark e Hélio Oiticica.** *Arte & Ensaios*, v. 1, n. 1, p. 39-52, 1994.

KIKO, Rodrigo; ARANTES, Priscila. Dropping The Urn: a cultura partida e reduzida a pó na obra de Ai Weiwei. **DAT Journal**, v. 7, n. 2, p. 54-65, 2022.